



## **EMBARGO ATÉ O MOMENTO EM QUE O TEXTO É PRONUNCIADO**

Congregação Geral 12, 18 de outubro de 2023

### **Participação, responsabilidade e autoridade**

Introdução ao Módulo B3

**Jean-Claude Card. Hollerich**

Relator-Geral

Bom dia a todos e bem-vindos. Penso que todos concordais comigo quando digo que estamos cansados. É compreensível, depois do trabalho que realizámos juntos, belo, apaixonante, mas também exigente. Iniciamos hoje o quarto Módulo da nossa Assembleia, o último dedicado à análise do conteúdo do *Instrumentum laboris*. Subtilmente, isso recorda-nos que estamos a chegar ao fim. Mas atenção: isso não deve tornar-se um motivo para diminuir o nosso empenho no trabalho, como se fosse a última semana de aulas. De facto, o fim desta primeira sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos coincide com o início de uma fase igualmente importante do processo: o tempo entre as duas sessões, que nos verá empenhados em devolver às Igrejas de onde viemos os frutos do nosso trabalho, recolhidos no Relatório de Síntese, e sobretudo em acompanhar os processos locais que nos fornecerão os elementos para concluir o nosso discernimento no próximo ano. Assim, uma vez de regresso a casa, seremos chamados a uma dupla tarefa. Por um lado, teremos de difundir os resultados desta primeira sessão, envolvendo as nossas Conferências episcopais, convocando de novo as equipas sinodais, ativando as formas de comunicação apropriadas nos meios de comunicação disponíveis nas nossas comunidades, preparando os caminhos de experimentação e aprofundamento que juntos identificaremos como apropriados, e assim por diante. Por outro lado, teremos de começar imediatamente a planear como recolher o feedback das Igrejas locais, os frutos dos intercâmbios e os percursos de experimentação e aprofundamento, para chegarmos "preparados" à segunda sessão, isto é, carregados de uma consciência mais clara do Povo de Deus sobre o que significa ser Igreja sinodal e, principalmente, sobre os passos que o Senhor nos pede para tornarmos-no-lo cada vez mais e assim anunciar melhor o seu Evangelho. Tudo isso tem muito a ver com o quarto Módulo, que aborda os temas da Secção B3 do *Instrumentum laboris*, dedicada à participação. Como sempre, o título e a pergunta que o acompanha guiam-nos: "Participação, funções de responsabilidade e autoridade. Que processos, estruturas e instituições numa Igreja sinodal missionária?".

Estamos bem conscientes de que este Sínodo será avaliado com base nas mudanças perceptíveis que dele resultarão. Os grandes meios de comunicação social, especialmente os mais distantes da Igreja, estão interessados em possíveis mudanças num número muito limitado de assuntos. Não vou enumerá-los porque todos os conhecemos. Mas mesmo as pessoas mais próximas de nós, os nossos colaboradores, os membros dos conselhos pastorais, as pessoas que

estão envolvidas nas paróquias perguntam-se o que vai mudar para elas, como poderão experimentar concretamente nas suas vidas aquele discipulado missionário e a corresponsabilidade sobre os quais reflectimos no nosso trabalho. E perguntam-se como é que isto é possível numa Igreja que é ainda pouco sinodal, onde sentem que a sua opinião não conta e que alguns ou apenas uma pessoa decide tudo. Estas pessoas estão especialmente interessadas nas pequenas, mas sensíveis mudanças sobre as questões que nos preparamos para abordar neste Módulo.

Vejam mais de perto estas questões, ou seja, as cinco fichas de trabalho que os nossos *Circuli Minores* vão trabalhar. A primeira diz respeito à renovação do serviço da autoridade. Não se trata certamente de pôr em causa a autoridade dos ministros ordenados e dos pastores: como sucessores dos apóstolos, nós, pastores, temos uma missão especial na Igreja. Mas somos pastores de homens e mulheres que receberam o batismo, que querem participar e ser corresponsáveis na missão da Igreja. Onde reina o clericalismo, há uma Igreja que não se move, uma Igreja sem missão. O clericalismo pode afetar o clero e também os leigos, quando pretendem estar no comando para sempre. Os clericalistas só querem manter o 'status quo', porque só o 'status quo' cimenta o seu poder. Missão... impossível!

A segunda ficha diz respeito à prática do discernimento em comum. Experimentámos pessoalmente, na nossa própria pele, ou melhor, no nosso coração, o poder de um instrumento tão simples como a conversa no Espírito. Como podemos introduzir o seu dinamismo nos processos de decisão da Igreja, a diferentes níveis? Como aprender a construir um consenso que não polarize e, ao mesmo tempo, respeite o papel distintivo da autoridade, sem que ela se isole da comunidade? Este é o desafio do discernimento em comum.

A terceira ficha recorda-nos que a vida das comunidades humanas, e portanto também da Igreja, passa inevitavelmente pela construção de estruturas e instituições, que persistem no tempo e oferecem às pessoas oportunidades de participação e crescimento. Cada instituição pode oferecer algumas oportunidades, mas não outras? Quais são as que estão mais de acordo com uma Igreja sinodal? Pensemos concretamente, comecemos pelas instituições que já existem, como os conselhos pastorais, e verifiquemos o seu grau de sinodalidade efectiva.

A quarta ficha faz-nos olhar para um tipo particular de estruturas, aquelas em que se reúnem agrupamentos de Igrejas locais. O nível continental foi uma feliz novidade e um ponto alto do processo sinodal de 2021-2024. O que é que aprendemos com essa experiência? Que papel pode desempenhar o nível continental, também para realizar a "sã descentralização" a que o Santo Padre frequentemente nos convida? E qual é o potencial de um instrumento como as Assembleias eclesiais, em que não estão presentes somente bispos? Eu experimentei a de Praga em primeira mão: sem a participação de sacerdotes, diáconos, consagrados e leigos, creio que teria sido muito mais conflituosa. Como é que podemos construir redes entre as Igrejas locais? E como se configura o ministério da unidade do Bispo de Roma numa Igreja saudavelmente descentralizada?

A última ficha toca-nos muito de perto, porque nos convida a refletir sobre as potencialidades da própria instituição do Sínodo como lugar em que experimentar de modo especial a relação dinâmica que liga sinodalidade, colegialidade episcopal e primado petrino. E pede aos grupos que o abordarão que expressem também uma avaliação sobre a experiência da extensão da participação a um grupo de não-bispos, escolhidos como testemunhas da fase da escuta e da consulta.

São questões delicadas, que exigem um discernimento cuidadoso: nesta sessão começaremos a abordá-las, depois teremos um ano para continuar a aprofundá-las em vista do trabalho que faremos na segunda sessão. São delicadas porque tocam a vida concreta da Igreja e também o dinamismo de crescimento da tradição: um discernimento errado poderia cortá-la ou congelá-la. Em ambos os casos, matá-la-ia. São questões que devem ser tratadas com precisão de linguagem e de categorias. Entre os especialistas que nos acompanham, e a quem aproveito a ocasião para agradecer, encontram-se teólogos e também canonistas, tanto latinos como orientais. Se eles podem ajudar a nossa reflexão, não tenhamos medo de os chamar. Os facilitadores sabem como o fazer.

No nº44, o *Instrumentum laboris* recorda-nos que a participação traz consigo a humildade da concretude. É por isso que as questões que lhe dizem respeito vêm depois das que dizem respeito à comunhão e à missão: é através da participação que podemos dar concretude à visão inspiradora e dar continuidade no tempo ao impulso da missão. Mas a concretude comporta também o risco de dispersão nos pormenores, nas anedotas, nos casos individuais. Por isso, neste quarto módulo, devemos fazer um esforço especial para mantermo-nos concentrados no objetivo a que nos propomos, indicado pela "Pergunta pelo discernimento" em cada ficha. As considerações marginais, que nos desviam do objetivo, não nos ajudam. Gostaria também de recordar que o objetivo de cada grupo, em relação à questão que aborda, é chegar a exprimir convergências, divergências, questões a explorar e propostas concretas para avançar. Peço aos facilitadores, a quem agradeço mais uma vez, que não tenham medo de nos pressionar, mesmo com um pouco de determinação, quando precisamos de ser ajudados a não perder o foco.

Dou agora a palavra ao Presidente-delegado que nos guiará ao longo da sessão. O padre Timothy Radcliffe e dom Dario Vitali ajudar-nos-ão a enquadrar os temas do nosso trabalho do ponto de vista bíblico-espiritual e teológico, respetivamente, intercalando-os com momentos de silêncio para favorecer a interiorização. Como nos Módulos anteriores, ouviremos também alguns testemunhos de membros do Sínodo que podem partilhar experiências significativas sobre esses temas.

Desejo a todos um trabalho frutuoso neste Módulo, que seja de benefício toda a Igreja. O discipulado missionário ou a corresponsabilidade não são apenas frases de efeito, mas um apelo que só podemos realizar juntos, com o apoio de processos, estruturas e instituições concretos que funcionem verdadeiramente no espírito da sinodalidade.